

ISSO NÃO É UM SUJEITO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PODER E AS REPRESENTAÇÕES EM FOUCAULT

THIS IS NOT A SUBJECT: CONSIDERATIONS ABOUT THE POWER AND REPRESENTATION IN FOUCAULT

Julice Salvagni

Doutorada em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Bolsista CAPES

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS)

Graduada em Psicologia pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS)

Especialista em Gestão Empreendedora pela Faculdade de Tecnologia de Caxias do Sul (FTEC)

Lecionou na Universidade de Caxias do Sul

Atuou como psicóloga clínica e do trabalho.

julicesalvagni@gmail.com

RESUMO

Apresentamos uma relação entre a obra de Magritte “Isso não é um cachimbo” e a compreensão de Foucault sobre o sujeito que não existe em si, que está submetido permanentemente as relações de poder. Este sujeito, entretanto, manifesta suas transformações na transgressão das normas impostas pelo poder, no enfrentamento deste poder, onde são possíveis as criações de outras formas de representações. Ainda, entendemos a arte como uma ferramenta importante na criação de novas representações e, portanto, formas de subjetividade.

Palavras-chave: Foucault. Representações. Surrealismo. Sujeito.

ABSTRACT

It is presented a relationship between the work of Magritte "This is not a pipe" and Foucault's understanding about the subject that exists in itself, which is permanently subjected to power relations. This subject, however, expresses its transformations in violation of the rules imposed by the power, in the face of this power, where the creations of other forms of representations are possible. Still, we understand art as an important tool in the creation of new representations and hence forms of subjectivity.

Key words: Foucault. Representations. Surrealism. Subject.

PRIMEIRA IMPRESSÃO

*Que a arte nos aponte uma resposta
Mesmo que ela não saiba
E que ninguém a tente complicar
Porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer*

Fernando Pessoa

Trazemos para a discussão a possibilidade de pensar o sujeito de Foucault a partir de uma articulação com o entendimento da arte. Para tanto, usamos como principal norteador da discussão o livro em que Foucault discute a obra de René Magritte, “Isso não é um cachimbo”.

O livro, que leva o mesmo nome da obra, trata da intenção do autor em mostrar que uma obra de arte, por mais que seja semelhante à realidade é apenas uma representação. Para isso o autor escreve na tela, onde está desenhada um cachimbo com perfeição, que isto não é um cachimbo. Ora, a obra não dá ao cachimbo função real, mas todos que olharem para ela vão dizer que isto é sim um cachimbo.

Será que podemos pensar, enquanto as representações de Foucault, a morte do sujeito num sentido semelhante ao da arte de Magritte? O sujeito, por si mesmo, que existe na linguagem, não existirá apenas enquanto uma representação de um sujeito?

Objetiva-se refletir sobre a existência do sujeito em meio a complexas relações de poder. As questões norteadoras, a fim de busca responder os modos como os sujeitos transgridem as relações que lhes são impostas, serão discutidas em meio às teorizações sobre o poder, a luta contra o poder vigente e das representações que emergem a partir das relações entre elementos e suas funções. Destarte, destacamos de igual modo a função social que compõe e subjetiva este sujeito que é coletivo; composto e criado através das representações psíquicas.

Contudo, tanto quanto na obra de Magritte, o sujeito existe sim, quando confronta as relações de o poder que o compõe, em absoluto. Essa luta do sujeito contra o poder que lhe é imposto faz com que haja um leque de possibilidades de transformações, porém que por sua vez também vão estar cercadas por complexas relações de poder, construídas coletivamente e vão representar esse sujeito. Apoiados na arte, portanto, desejamos contribuir com mais um aspecto dentre tantas as leituras possíveis do sujeito psíquico em relação com o social.

1 SURREALISMO E A ARTE DE MAGRITTE

A arte sempre teve um papel central na busca por transformações sociais. O surgimento do surrealismo, um importante estilo artístico, não aconteceu com um intuito diferente. Muitos dos movimentos modernos da arte ao longo dos tempos foram marcados por expressões próprias, objetivando a construção de uma nova concepção de mundo. Isso faz com que a arte carregue consigo a possibilidade de ir além à compreensão em si mesma, para a criação de novas formas à sociedade.

Já que vamos tratar do sentido do sujeito para Foucault relacionado sua obra com aspectos da arte, é fundamental compreender o movimento que inspirou René Magritte (1898–1967) a compor a obra “Isso não é um cachimbo”, posteriormente analisada por Foucault. Aliás, muitos dos ideais do próprio estilo artísticos vão fazer sentido com a literatura foucaultiana.

O surrealismo surgiu, em 1924 com a publicação do Manifesto Surrealista por André Breton, como um movimento que “pretendia negar a estética, os valores estabelecidos de uma sociedade burguesa a burocrática” (FERRARAZ, 2001, p. 02). Para além da intenção de criar um novo padrão estético, este movimento pretendia uma mudança de valores importante, por isso aconteceu paralelamente a estudos freudianos e marxistas.

Os valores sustentados pela arte surrealista foram: a beleza convulsiva, a humor negro, o amor louco e o acaso objetivo.

A beleza convulsiva significa aquela que era resultante da oposição de duas realidades distintas na busca da supra-realidade. O humor negro objetivava uma espécie de terrorismo contra os valores “morais” da sociedade. O amor louco era o único que os interessava e, pelo qual, os surrealistas elegiam a mulher como a representante do objeto de desejo. E o acaso objetivo se dava através das relações de coincidência recorrentes da vida. (FERRARAZ, 2001, p. 02)

Estes princípios da arte surrealista vão estar diretamente ligados com estudos sociológicos, que juntos pretendem compor esta nova forma de compreender o social. Ainda, estas teorizações do movimento artístico vão ser importantes na leitura da obra de Magritte, para que se possam entender a fundo as intenções provocativas da pintura.

Na obra *Isso não é um cachimbo*, se com clareza o primeiro aspecto da beleza compulsiva, tomado pela dimensão do escrito em contradição com o desenho, na busca por uma compreensão que vá além da lógica binária do que é ou não é; do que existe ou não existe; do verdadeiro e falso. Lógica esta, que ajuda a compor o humor negro, no sentido de buscar desconstruir as divisões morais estabelecidas na sociedade até então.

O amor louco fica explícito na escolha do objeto a ser retratado. Em épocas onde a sexualidade era denunciada pela psicanálise como parte estruturante fundamental do ser humano, o cachimbo era usado por Freud na interpretação de sonhos, onde aparecia como objeto fálico, para além de um cachimbo. Assim, o “isto não é um cachimbo” também pode ser lido como “isto é um objeto fálico de desejo sexual”.

Por fim, o acaso objetivo é a função que a arte vai passar a ocupar: para além da arte por si mesma, na proposta de uma produção de sentidos e significados na vida cotidiana. A arte, nesta nova compreensão, vai representar sentimentos para além da estética moderna e levar em consideração o inconsciente dos sujeitos tocados pela manifestação artística. A arte, assim, é o caminho para a identificação e manifestação das subjetividades já que o sujeito, tanto quanto a arte, não estão dados, mas o outro tem que buscá-lo dentro de si.

1.1 ISSO NÃO É UM CACHIMBO

Foucault analisa a obra de Magritte distinguindo as duas funções da tela: uma do desenho e a outra da linguagem. Não há dúvidas de que o que está desenhado é um cachimbo, embora não ele próprio um cachimbo, trata-se apenas de um desenho. É aqui que Magritte busca definir através da linguagem que “isto não é um cachimbo”.

Utiliza-se da linguagem já que este “velho hábito não é desprovido de fundamento: pois toda a função de um desenho tão esquemático, tão escolar, quanto este é a de se fazer reconhecer, de deixar aparecer sem equívoco nem hesitação aquilo que ele representa” (FOUCAULT, 1989, p. 20).

Podemos pensar, dentro do entendimento de Foucault sobre o sujeito, que a linguagem, assim como na obra de Magritte, acaba por denunciar os sujeitos em si mesmos através da identificação das relações de poder, portanto, através das relações sociais. Um sujeito isolado e sem estar mergulhado nas relações de poder que a sociedade o impõe, só pode ser tão irreal quanto a tentativa do desenho de Magritte ser, efetivamente, um cachimbo.

Olhando para o desenho do cachimbo talvez qualquer pessoa pense automaticamente: trata-se de um cachimbo. Só quando for ler o título que lhe foi concebido é que poderá chegar a conclusão de que trata-se de um desenho de um cachimbo. Quanto ao sujeito, da mesma maneira, pensando nas instituições tanto retratadas por Foucault enquanto produtores do poder escancarado da sociedade, uma pessoa pode entrar numa fábrica e pensar: ali existem sujeitos. Depois, pensando no sujeito como alguém livre para pensar e agir, as normas institucionais pode fazer com que este sujeito pensante simplesmente desapareça em meio ao poder da fábrica.

Para Foucault todas as instituições “tem por finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos. A fábrica não exclui os indivíduos: liga-os a um aparelho de produção” (2003, p. 114). O que de alguma forma é fazer com que os indivíduos passem viver sobre as normas e regras da instituição, pouco importando quem eles realmente são. As empresas procuram indivíduos corretos para as vagas já determinadas nas empresas e não o contrário.

O autor ainda trata da “inclusão por exclusão” que tem finalidade primeira de

[...] fixar os indivíduos em um aparelho de normatização dos homens. A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo ligar o indivíduo a um processo de produção, de formação ou de correção dos produtores. Trata-se de garantir a produção ou os produtores em função de determinada norma. (FOUCAULT, 2003, p. 114).

Em virtude disso, as empresas criam estratégias de manter cada vez mais o funcionário como dependente da empresa onde trabalha. Assim, quanto mais ele tiver a sua liberdade saqueada, mais também deverá moldar-se àquilo que a empresa espera dele; menos sobrará da sua autonomia de sujeito. “O corpo e o tempo dos homens se tornam tempo de trabalho e força de trabalho e podem ser efetivamente utilizados para se transformar e sobre-lucro, mas para haver sobre lucro é preciso haver sub-poder” (FOUCAULT, 2003, p. 125).

Essa relação do funcionário com a fábrica, que vêm como uma proposta a beneficiar o trabalhador, já que ele ganha seu sustento daí, acaba por prendê-lo ainda mais nos moldes da empresa. Essa relação de poder e contradição de uma instituição pode ser relacionada com a análise da obra de arte feita por Foucault quando o caligrama.

Na obra de Magritte, o autor supôs que antes da obra aparecer como tal, há uma intenção de “prender as coisas na armadilha de uma dupla grafia” (FOUCAULT, 1989, p. 22), por isso a utilização de um caligrama.

Um caligrama serve-se da possibilidade de dizer duas coisas com palavras diferentes; usufruir da sobrecarga de riqueza que permite dizer duas coisas diferentes com uma única e mesma palavra; a essência da retórica está na alegoria. [...] Assim, **o caligrama permite apagar ludicamente as mais velhas oposições da nossa civilização alfabética: mostrar e nomear; figurar e dizer; reproduzir e articular; imitar e significar; olhar e ler.** (FOUCAULT, 1989, p. 23, grifo nosso)

A partir desta citação, destacamos dois pontos importantes de análise. O primeiro é o da possibilidade das coisas serem ditas de forma diferente e, por isso, a identificação de muitas das relações mascaradas de poder da sociedade. Na obra de Magritte, por exemplo, o que conta é o que está escrito, acima do desenho, muito embora as duas formas de comunicação a primeira impressão possam ser contraditórias.

Voltando para o nosso exemplo da empresa, muitas das instituições que incentivam o trabalhador financeiramente a participar de treinamentos podem estar se contradizendo na medida em que o treinamento lhes é mais favoráveis do que ao interesse do funcionário, que acaba por se normatizar ainda mais ao ideal da empresa.

Outro ponto que destacamos é a referência da quebra de uma dualidade através da intenção do quadro. Será que a utilização pela arte de Magritte de uma forma de caligrama, também pode ser entendida como a necessidade da relativização dos conceitos binários? Pensado nos princípios já relatados sobre o movimento surrealista, é possível que esta obra esteja tendenciosamente querendo reproduzir artisticamente o conceito do humor negro, por exemplo, que propõe uma relativização dos ideais morais da sociedade.

Para o autor

[...] a forma visível é cavada pela escrita, arada pelas palavras que agem sobre ela do interior e, conjurando a presença imóvel, ambígua, sem nome, fazer emergir a rede de significações que batizam, a determinam, a fixam no universo dos discursos (FOUCAULT, 1989, p. 23)

Este jogo de significações possibilitado pela linguagem é o que vai ser responsável pelas representações. Estas representações, verbais ou visuais, tanto quanto a lógica das relações de poder, são sempre de uma ordem hierarquizada, “indo da forma ao discurso ou do discurso à forma” (FOUCAULT, 1989, p. 40).

2 O SUJEITO E O PODER

Para Foucault, o poder certamente ocupa um lugar central na sua teoria, sendo o que permeia todo o tipo de relação. De todo modo, há instâncias definidas por Foucault como modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos.

Didaticamente, o autor define três modos de subjetivação do ser humano na cultura que é o sujeito falante na *grammaire générale*, a filosofia e a linguística; o sujeito que se encontra dividido no seu interior ou dividido nos outros; e o modo em que um ser humano se converte a si mesmo ou a si mesma em sujeito – elegendo o domínio da sexualidade (FOUCAULT, 1988, p. 3).

Assim, a idéia de um sujeito para Foucault é de alguém que enquanto “está imerso en relaciones de producción y de significación, también se encuentra imerso en relaciones de poder muy complejas” (FOUCAULT, 1988, p. 3). Ora, se o sujeito está sempre, necessariamente, vivendo socialmente, muito enquanto um sujeito da linguagem, e se está mergulhado permanentemente nas relações de poder, este sujeito, em si, não existe?

Bruni (1989), em um estudo sobre o “Silêncio dos sujeitos”, baseado na obra de Foucault, faz referência à polêmica desencadeada pelo autor, ao anunciar, em *As Palavras e as Coisas* (1966), a “morte do Homem”. Para Bruni, Foucault compreende o homem enquanto

[...] apenas uma figura do saber contemporâneo, efeito produzido pelas novas estruturas da *epistémé* surgida no fim do século XVIII, presentes na Filologia, na Biologia e na Economia. Essas novas ciências, ao romperem com a forma clássica do modo de ser do saber — a representação —, colocam no seu lugar o Homem, pensado como origem, sujeito e ser da linguagem, da vida e do trabalho. (BRUNI, 1989, p. 1)

Assim, a morte do sujeito é entendida como uma condição da retomada do pensar e do saber que possa ser constituinte de uma nova identidade do sujeito, através da alteridade e, portanto, das relações sociais. No entanto, estas relações são relações de poder complexas e que precisam ser entendidas para que se possa absorver e dimensão da produção das representações.

2.1 AS RELAÇÕES DE PODER

Primeiramente, para compreender o sujeito que supostamente não existe vamos percorrer as considerações feitas por Foucault sobre o poder e as relações de poder. Para ele,

[...] no existe algo llamado el Poder, o el poder, que existiría universalmente, em forma masiva o difusa, concentrado o distribuído. Solo existe el poder que ejercem “unos” sobre “otros”. El poder solo existe en acto aunque, desde luego, se inscribe en un campo de posibilidades dispersas, apoyándose sobre estructuras permanentes. (FOUCAULT, 1988, p. 14)

Ou seja, o poder pelo poder em si não existe. O poder vai se manifestar através das relações sociais. Para o autor, as forma de poder que se estabelecem na vida cotidiana, através das relações entre os indivíduos, os classificam em categorias, os designa por sua própria individualidade, os ata em sua própria identidade, os impõem um lei de verdade que devem reconhecer e que os outros devem reconhecer neles.

Esse poder acaba por determinar novas e impostar formas dos indivíduos serem socialmente. Esta é a forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos, no sentido de serem assujeitados pelas normas e regras importas pela hierarquia das relações de poder (FOUCAULT, 1988).

As relações de poder nunca se dão pelo consenso e o que define uma relação de poder é o modo de ação que não atua de maneira direta e imediata sobre os outro, mas que atua sobre suas ações: uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais ou atuais, presentes ou

futuras (FOUCAULT, 1988). Assim, as relações vão acontecer o tempo todo, sobre amplas e complexas formas de produção de novas subjetividades. Ainda, o poder se exerce unicamente sobre “sujeitos livres” e só na medida em que são livres. As relações de poder pressupõem a liberdade do sujeito para que possam existir, porém apenas no momento em que a liberdade desaparece é aonde vai se exercer o poder (FOUCAULT, 1988). Esse jogo da liberdade é o que vai ser condição para a existência do poder. Portanto, o poder e a rebeldia da liberdade não podem separar-se. Neste jogo contraditório é que a manifestação do poder, ao mesmo tempo, vai ser a possibilidade da manifestação da luta contra o poder.

Relacionando com a arte de Magritte, a posição contraditória da obra também é o que possibilita a criação. Ao mesmo tempo em que, o desenho retrata um cachimbo, o texto diz que não é. E é neste jogo contraditório que o movimento de luta vai poder acontecer. Através do dissenso é que vai ser possível produzir o sujeito, que até então não existe, pelo menos não fora deste jogo das relações sociais de poder.

Las relaciones de poder se encuentran profundamente arraigadas en el nexu social, y no constituyen “por encima” dela sociedad una estructura suplementar com cuya desaparición radical quizá se pudiera soñar. En todo caso, **vivir en una sociedad es vivir de modo tal que es posible que unos actúen sobre la acción de los otros. Una sociedad “sin relaciones de poder” solo puede ser una abstracción.** (FOUCAULT, 1988, p. 17, grifo nosso).

As relações de poder, desta forma, vão compor o sujeito socialmente numa “sociedade disciplinar”. O sujeito, da modernidade, deixa de existir em si, deixa de ser o centro das atenções para ser constituído socialmente, imerso nas relações de poder. Foucault refere-se à sociedade contemporânea como uma sociedade disciplinar e questiona-se sobre

[...] quais são as formas de práticas penais que caracterizam essa sociedade; quais as relações de poder subjacente a essas práticas penais; quais as formas de saber, os tipos de conhecimento, os tipos de sujeito de conhecimento que emergem, que aparecem a partir e no espaço desta sociedade disciplinar que é a sociedade contemporânea. (FOUCAULT, 2003, p. 79).

Este conceito de sociedade disciplinar é fundamental para poder pensar essa “morte do sujeito”, que se desaparece entre as complexas relações de poder na sociedade.

A mais significativa transformação da sociedade penal para a sociedade disciplinar, segundo Foucault, é a criação da vigilância individualizada (FOUCAULT, 2003, p. 79). Para descrevê-la, o autor usa-se do exemplo de um projeto arquitetônico que se tratava de

[...] um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um

prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura, etc. na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; não havia nela nenhum ponto de sombra e, por conseguinte, tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar de um vigilante que observava através de venezianas, de postigos semi-cerrados de modo a poder ver sem que ninguém ao contrário pudesse vê-lo. (FOUCAULT, 2003, p. 87).

Este modelo da arquitetura se transforma num conceito importante para Foucault, especialmente pela força de transformação dos indivíduos. No *panotismo*

[...] a vigilância sobre os indivíduos se exerce ao nível não do que se faz, mas do que se é; não do que se faz, mas do que se pode fazer. Nele a vigilância tende, cada vez mais, a individualizar o autor do ato, deixando de considerar a natureza jurídica, a qualificação do próprio ato. (FOUCAULT, 2003, p. 104)

Neste modelo de disciplinamento podemos pensar o sujeito que não existe em si, mas que se constitui a partir das relações sociais, hierarquizadas e de poder. Para Foucault, esta é a base do poder que produz “um saber de vigilância, de exame, organizado em torno da norma pelo controle dos indivíduos ao longo da sua existência” (FOUCAULT, 2003, p. 88).

Desta forma, o poder disciplinar

[...] se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. Sua iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre eles. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeitado o indivíduo disciplinar. (FOUCAULT, 1984, p.167).

Esse disciplinamento, de fato, é inegável em quase todas as instâncias da sociedade contemporânea, fazendo com que o sujeito desapareça em meio às relações de poder que são capazes de controlar o comportamento dos indivíduos a fim de assegurar uma ordem social. Mas então, não existirá uma saída para o sujeito pensando por Foucault?

2.2 O ENFRENTAMENTO DO PODER

“En lugar de analizar el poder desde el punto de vista de su racionalidad interna, se trata de analizar las relaciones de poder a través del enfrentamiento de las estrategias” (FOUCAULT, 1988, p. 5). Assim, é no enfrentamento do poder, ao a luta, justamente onde moram as manifestações mais inerentes ao próprio desejo do sujeito. A luta contra este poder, contudo, está acima de ser apenas uma luta contra a autoridade. Para Foucault (1988), o

objetivo destas lutas são os efeitos do poder como tal; já que questionam o status do indivíduo e lutam contra os privilégios do saber: o modo como circula e funciona o saber, suas relações com o poder. Ainda, estas lutas se movem em torno da questão “quem somos?”, mostrando a condição de transformação do sujeito, nas suas formas de sujeição, ao sujeito desejante e manifestantes das suas próprias idealizações.

A política, assim, da mesma forma é entendida como uma possibilidade de criação que surge dos movimentos de grupos sociais, e não das bases governantes, num momento justamente de revolta e crise. Assim, o poder pode ser entendido como algo relativizado e que, portanto, existe em três qualidades distintas: sua origem, sua natureza básica e suas manifestações (FOUCAULT, 1988).

Por isso, as estruturas de poder ganham certo tipo de mobilidade, proporcionando às coisas a capacidade de modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las (FOUCAULT, 1988). Este poder, o de transformação, surge de uma atitude, de uma ação que pode ganhar força coletiva e ser provocador de grandes mudanças sociais, como já narradas pela história, onde a luta se posiciona contra o poder vigente e opressor.

Ainda, este tipo de fenômeno, por mais que seja de uma ordem social, vai ser fator componente da singularidade dos sujeitos envolvidos, garantindo a condição, em alguma ordem, à liberdade dos sujeitos diante do estado.

Podemos decir que todo tipo de sujeción consiste en fenómenos derivados, que son meras consecuencias de otros procesos económico-sociales: las fuerzas de producción, la lucha de clases y **las estructuras ideológicas que determinan la forma de la subjetividad** (FOUCAULT, 1988, p. 8, grifo nosso).

Estas lutas vão se dar contra a uma estratégia de poder, que são meios estabelecidos para manter os dispositivos de poder vigentes. Esta é intenção de preservar os fenômenos fundamentais da dominação que é

[...] una estructura global de poder cuyas ramificaciones y consecuencias pueden encontrarse a veces hasta en la trama maás tenue da sociedade: pero es al mismo tiempo una situacion estratégica más o menos adquirida y solidificada en un enfrentamiento de largo alcance histórico entre adversários” (FOUCAULT, 1988, p. 20)

Desta forma, o mesmo poder que causa a dominação é o poder que vai provocar o enfrentamento desta relação.

3 ARTE E REPRESENTAÇÃO

Buscamos relacionar um estudo da arte para falar do sujeito em Foucault, justamente pela dimensão da compreensão de representações, que através da linguagem da arte, consegue ganhar mais amplitude. Além disso, a obra de Magritte representa, de alguma forma, o desequilíbrio, já que

[...] se a análise das representações, da linguagem, das ordens naturais e das riquezas são perfeitamente coerentes e homogêneas entre si, existe, todavia, um desequilíbrio profundo. É que a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade. A análise das representações tem, portanto, valor determinante para todos os domínios empíricos. (FOUCAULT, 1990, p. 223)

Assim, entendemos que o desequilíbrio acontece na ordem da identificação social, das relações que envolvem o poder e a linguagem num espaço fundamental para o entendimento tanto do coletivo, bem como, das individualidades.

Este tempo de desequilíbrio também pode ser entendido como a o poder de estranhamento da palavra e o recurso de contestação, que abre “o espaço de um saber onde, por uma ruptura essencial no mundo ocidental, a questão não será mais a das similitudes, mas a das identidades e das diferenças” (FOUCAULT, 1990, p. 65). Assim, com a quebra da ordem daquilo que é impoerto para a entrada de uma diferenciação que a criação de uma nova representação daquilo que era dado se torna possível.

A arte costumeiramente cria estes espaços de estranhamento, fazendo com que tenhamos que pensar – criar – possibilidades de representação outras que se distanciem daquilo que costuma ser entendido. Magritte faz esta passagem com excelência na obra que referimos neste artigo, já que nos dá muitas atribuições de conceber um cachimbo, diferente do que se poderia pensar até então. De quebra, levamos esta mesma forma de raciocínio, relativizado e que questiona o conhecimento dado, para outras instâncias, como o sujeito em si.

Mas Foucault faz uma observação sobre os limites da representação a fim de tentar entender

[...] como ocorre que o pensamento se desprenda daquelas plagas que habitava outrora – a gramática geral, a história natural, riquezas – e deixar oscilar no erro, na quimera, no não-saber aquilo que, menos de 20 anos antes, estava estabelecido e afirmado no espaço luminoso do conhecimento? (FOUCAULT, 1990, p. 231).

Como se faz para desconstruir algo que está dado, possibilitando a criação de outra representação? Foucault entende que elementos representativos funcionam em relação uns aos outros, num duplo papel de designação e articulação. Assim

[...] se vê surgir, como princípios organizadores deste espaço de empiricidade, a Analogia e a Sucessão: de uma organização a outra, o liame, com efeito, não pode mais ser a identidade de um ou vários elementos, **mas a identidade da relação entre os elementos** (onde a visibilidade não tem mais papel) e da função que se asseguram; ademais, se porventura essas organizações se avizinham por efeito de uma densidade singularmente grande e de analogias, não é porque ocupem localizações próximas num espaço de classificação, mas sim porque foram formadas uma ao mesmo tempo que a outra e uma logo após a outra no devir das sucessões. (FOUCAULT, 1990, p. 232, grifo nosso).

Por isso, o principal limite da representação é do capturá-la em si, por ser algo tão situacional e abstrato, que poder levar a criação de qualquer coisa, sem ter, inclusive, um limite. Assim, a compreensão das representações para Foucault ficam próximas ao entendimento da arte: se trata da impossibilidade de representar a dimensão das relações inclusive pela linguagem, já que escapa de toda e qualquer formalização.

3.1 A ARTE DE CRIAR

Não há jornais: e além disso, ninguém sabe ler. Tampouco há rádios; e, de qualquer maneira, as rádios falam a língua dos conquistadores. Como fazem as pequenas aldeias para ficar sabendo o que ocorre na comunidade? Cada aldeia envia dois ou três atores a percorrer a comarca: eles representam as notícias e atuam os problemas.

Eduardo Galeano

O que há de próprio nos sujeitos é a possibilidade de criar novas realidades e formas de viver. Essa é a manifestação criadora, no entanto, só se viabiliza num momento de conflito – de relações - e, assim, de desequilíbrio, já que a própria desestabilidade é a propulsora da invenção de novas e complexas configurações.

“Foram-se dando historicamente, mil formas de sujeição: os homens são, antes de mais nada, objetos de poder, ciência, instituições” (BRUNI, 1989, p, 1), muito embora esta mesma história não tenha se cansado do retratar movimentos sociais complexos que põe em prova o poder de libertação do sujeito a partir da sua própria ação, na capacidade de provocar as relações conflituosas. Ou seja, o mesmo poder que limita é o poder que cria, num jogo de múltiplas relações.

Quanto à arte, ela é em si mesma é uma importante ferramenta de desconstrução e, portanto, criação. A arte nos ensina a pensar o mundo de forma diferente, a refazer e desfazer aquilo que está normalizado ou naturalizado. A arte tem a capacidade de representar mundos distintos por relacionar uma disparidade de elementos na produção de sentimentos, emoções e, assim, subjetividades.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – *Informação e documentação* – artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação: NBR 6022: 2003. Rio de Janeiro: ABTN, 2003.

BRUNI, José Carlos. *Foucault: the silence of subjects*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1989.

FERRARAZ, Rogério. As marcas surrealistas no cinema de David Lynch. *Revista olhar*, Ano 03. Nº 5-6. Jan-Dez, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. El Sujeto y el poder. In: *Revista Mexicana de Sociologia*, Año L, Nº 3, UNAM, México, 1988.

_____. *Isso não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989

_____. *As palavras e as coisas*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.